

# **(RE)VISANDO O APRENDIZADO: A REVISÃO TEXTUAL NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA ESCRITA**

*(RE)VISION AT LEARNING: TEXT REVISION IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS OF WRITING*

*(RE)VISANDO EL APRENDIZAJE: REVISIÓN DE TEXTOS EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LA ESCRITURA*

Patrícia Pierri Nogueira<sup>1</sup>  
Gisley Monteiro de Monteiro<sup>2</sup>

## **Resumo**

A revisão textual, ao contrário do que pensa o imaginário popular, não tem como única função garantir que normas ortográficas e gramaticais sejam seguidas; tem por obrigação absoluta assegurar que o texto consiga transmitir a sua mensagem de forma clara e objetiva. Assim, este artigo versa sobre a importância da revisão textual e como guarda uma preciosa oportunidade para o ensino-aprendizagem da língua escrita, envolvendo seus aspectos ortográficos, gramaticais, semânticos, sintáticos e morfológicos. Para tanto, objetivamos verificar, a partir de uma abordagem qualitativa, como a revisão textual influencia o processo de aprendizagem da escrita. Optamos por uma pesquisa bibliográfica e elegemos os trabalhos de Brandão (2007), Zilberman (2012), Godoy e Dias (2014) para fundamentar este estudo. Os conteúdos contemplados neste artigo dizem respeito ao papel da leitura; à aquisição e ao desenvolvimento da escrita; ao processo de elaboração de textos; à conceitualização e ao estabelecimento das etapas da revisão textual e, por fim, à sua influência sobre o ensino-aprendizagem da escrita de crianças e adolescentes. Concluímos que a revisão textual deve ser trabalhada em todos os anos do ensino fundamental II, com o crucial acompanhamento do professor enquanto mediador-orientador entre o aluno e seu texto. Entendemos que, por meio de atividades de correção, reflexão, análise e reescrita — todas etapas constituintes do processo de revisão de textos —, o alunado terá a oportunidade de desenvolver e aprimorar suas habilidades linguísticas, cognitivas e sociais.

**Palavras-chave:** revisão textual; ensino-aprendizagem; desenvolvimento da escrita.

## **Abstract**

Text revision, contrary to the popular belief, doesn't have the sole function of ensuring that spelling and grammar rules are followed; it has the absolute obligation of ensuring that the text is able to convey its message clearly and objectively. Thus, this article is about the importance of text revision and how it provides a precious opportunity for the teaching-learning of written, involving its orthographic, grammatical, semantic, syntactic, and morphological aspects. To this end, we aimed to verify, from a qualitative approach, how text revision influences writing's learning process. After a bibliographic research, Brandão (2007), Zilberman (2012), Godoy and Dias (2014) are chosen to support this study. The contents contemplated in this paper concern the role of reading; the acquisition and development of writing; the process of writing; the conceptualization and establishment of the stages of textual revision and, finally, its influence on the teaching-learning of writing in children and adolescents. We conclude that text revision should be worked on in all years of elementary school II, with the crucial support of the teacher as a mediator-guidance between the student and his text. We understand that, by means of correction, reflection, analysis and rewriting activities — all stages of the text revision process —, students will have the opportunity to develop and improve their linguistic, cognitive and social skills.

**Keywords:** text revision; teaching-learning; writing development.

## **Resumen**

---

<sup>1</sup> Licencianda em Letras no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: 3712133@alunouninter.com

<sup>2</sup> Docente no Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: gisley.m@uninter.com

La revisión textual, contrariamente a la creencia popular, no tiene la única función de asegurar que se respeten las reglas ortográficas y gramaticales; tiene la obligación absoluta de garantizar que el texto logre transmitir su mensaje de manera clara y objetiva. Así, este artículo habla sobre la importancia de la revisión textual y de cómo encierra una valiosa oportunidad para la enseñanza y el aprendizaje de la lengua escrita, incluyendo sus aspectos ortográficos, gramaticales, semánticos, sintácticos y morfológicos. Por lo tanto, nuestro objetivo fue verificar, desde un enfoque cualitativo, cómo la revisión textual influye en el proceso de aprendizaje de la escritura. Optamos por una investigación bibliográfica y elegimos los trabajos de Brandão (2007), Zilberman (2012), Godoy y Dias (2014) para apoyar este estudio. Los contenidos contemplados en este artículo se refieren al papel de la lectura; la adquisición y desarrollo de la escritura; el proceso de elaboración de textos; a la conceptualización y establecimiento de las etapas de revisión textual y, finalmente, su influencia en el proceso de enseñanza-aprendizaje de la escritura de niños y adolescentes. Al final de esta investigación, concluimos que la revisión textual debe ser trabajada en todos los años de la educación básica, siendo fundamental el acompañamiento del docente como mediador-orientador entre el alumno y el texto. Entendemos que, a través de actividades de corrección, reflexión, análisis y reescritura —todas las etapas constitutivas del proceso de revisión de textos—, los estudiantes tienen la oportunidad de desarrollar y mejorar sus habilidades lingüísticas, cognitivas y sociales.

**Palabras-clave:** revisión textual; enseñanza-aprendizaje; desarrollo de la escritura.

## 1 Introdução

Nosso cotidiano é permeado por letras, palavras, frases, enunciados e textos que atuam como ferramentas da expressão, interação e existência humana. Por meio da linguagem, oral ou escrita, nos comunicamos, criamos nossa realidade — deixamos nossa marca no mundo: os textos escritos manifestam a sua importância, porque, entre outras particularidades importantes para a comunicação, garantem o registro além do tempo, de forma assíncrona, de modo que o que escrevemos hoje poderá ser lido, transmitido e aprendido daqui a centenas de anos, pois “um texto envolve muito mais do que as regras gramaticais; ele engloba contextos subjetivos, sociais, históricos, linguísticos e cognitivos.” (ROCHA; SILVA, 2010, p. 192).

Portanto, torna-se extremamente necessário garantir boa escrita, em aspectos ortográficos e gramaticais, além da coesão e coerência, de toda a produção textual, para que, no fim, tenhamos certeza de que nossa mensagem foi transmitida de forma clara e objetiva para o leitor. De que modo isso é possível? Escrevendo, lendo e relendo o que foi produzido; entendendo que a escrita é um processo que se desenvolve gradualmente, aprimora-se com a prática; “revisar e reescrever são [etapas] indissociáveis a todo ato de produzir textos” (BESSA, 2020, p. 3).

Partindo dessa perspectiva, esta é uma pesquisa sobre como a revisão textual — o que, para Brandão (2007), entende-se pelo processo de reflexão, análise e reescrita de textos — influencia o andamento da aprendizagem da língua escrita, especialmente para crianças e adolescentes do ensino fundamental II. Através de um levantamento bibliográfico sobre a temática, e de assuntos relacionados, demonstra-se como o processo de revisão de textos

guarda uma valiosa oportunidade de aprendizagem e desenvolvimento da escrita desses alunos.

Buscando entender e explicar o papel da leitura, como ocorre a aquisição e o desenvolvimento da escrita, o processo de elaboração de textos, assim como o que é e quais são as etapas da revisão textual, assim como sua influência sobre o ensino-aprendizagem da língua escrita. Os referenciais teóricos foram os trabalhos de Brandão (2007), Zilberman (2012) e Godoy e Dias (2014), além de pesquisas como as de Andrade (2015), Dias (2016), Mafra e Barros (2017), entre outras.

Este estudo está dividido em cinco partes: introdução (com uma sucinta apresentação acerca do tema e das questões abordadas, além das formas e fontes de investigação utilizadas para o levantamento de dados e conceitos); metodologia (uma descrição mais detalhada sobre os procedimentos adotados na pesquisa para a construção deste artigo); os caminhos até a revisão textual como aprendizado da escrita (o corpo do trabalho, toda a conceituação, o que dizem os autores e as reflexões as quais chegamos); considerações finais (abordando de forma sucinta as conclusões a que este estudo levou) e referências (autores e autoras que embasaram a composição deste artigo).

Ao fim desta leitura, espera-se que você, leitor, tenha um novo olhar sobre a revisão textual, enxergando-lhe a relevância, que vai muito além de *apenas* garantir cumprimento de normas gramaticais e ortográficas da língua formal, pois, como observa Brandão (2007, p. 124-125), a revisão de textos escolares diz respeito à reflexão sobre “o sentido do que foi escrito”, aos aspectos formais da redação e “à adequação do texto às finalidades propostas”. Gelderen e Oostdam (2004 apud SPINILLO; CORREA, 2016, p. 110) completam esse conceito ao dizer que “[...] a revisão tem por finalidade básica *checar o significado do texto e as conexões entre forma e conteúdo*” (grifos nossos); ou seja, trata-se de uma análise ampla que compara e verifica o que e por que se escreve, o que se pretende escrever e para quem se dirige o texto escrito.

## **2 Metodologia**

Esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa visando, como ressalta Mascarenhas (2018, p. 47), descrever a temática deste estudo com maior profundidade e detalhamento, buscando compreender o assunto enquanto apresenta e analisa dados a respeito de tópicos relacionados à questão. Escolhemos tal abordagem por ser modelo “muito comum em estudos sobre o comportamento de um indivíduo ou de um grupo social”. No caso desta pesquisa,

focamos na influência da revisão textual e nos demais aspectos relacionados a sua prática no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita por alunos do ensino fundamental II.

A escolha pela pesquisa bibliográfica se deve ao fato de os “estudos bibliográficos apresenta[re]m vantagens importantes, oferecendo uma quantidade impressionante de informações.” (MASCARENHAS, 2018, p. 50). Buscou-se, por meio de indexadores de pesquisa, como o *Google Acadêmico* e *Scielo*, por artigos científicos a respeito da revisão textual e da influência desta sobre a elaboração de textos. Verificando os estudos existentes — Andrade (2015), Dias (2016) e Mafra e Barros (2017) —, chegou-se ao nicho de alunos do ensino fundamental II; também foram feitas pesquisas em livros do acervo da *Biblioteca Virtual Pearson*, do Centro Universitário Internacional Uninter, onde encontramos maior embasamento teórico acerca do papel da leitura e da aquisição e desenvolvimento da escrita, como Zilberman (2012), Pereira, Souza e Kirchof (2013) e Godoy e Dias (2014).

Por fim, seguindo as explicações de Coelho (2019) a respeito de metodologia de pesquisa, definimos que o objetivo deste estudo seria de teor exploratório, contextualizando o leitor acerca do tema, relacionando os conceitos e as reflexões assimilados nesta pesquisa.

### **3 Os caminhos até a revisão textual como aprendizado da escrita**

#### **3.1 Leitura: o pontapé inicial para o ensino-aprendizagem**

Os atos de ler, escrever e interpretar textos, orais e escritos, estão no nosso dia a dia, são atividades intrínsecas à existência humana; como assinala Zilberman (2012, p. 16): “[...] o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real”. Logo, como afirmam Pereira, Souza e Kirchof (2013, p. 11), a leitura vai além do simples “processo de decodificação, compreensão e interpretação do signo linguístico”, por estabelecer a relação do ser humano com as coisas, os espaços e as pessoas ao seu redor, o que a torna necessária para o completo e complexo exercício da nossa expressão no mundo.

Mas toda essa importância atribuída à leitura tem origens remotas. No Iluminismo do século XVIII, com a ascensão da burguesia e a mudança de valores, a nova classe tentava se impor socialmente, e viu nos livros uma preciosa ferramenta de cultura para usar “contra a nobreza feudal que justificava seus privilégios invocando a tradição que os consagrava”, explica Zilberman (2012, p. 17). Surgiu, assim, a “ideologia da leitura”, pregando a visão de que a educação, adquirida por intermédio do conhecimento reunido nos livros, era fundamental para a escalada social. Seria por meio do ensino da leitura e, por consequência,

da escrita, que os valores burgueses deveriam ser transmitidos às crianças; mais do que isso, seria a escola e a proximidade com a leitura as responsáveis pelo “processo de socialização do indivíduo”.

Surgiu uma nova maneira de enxergar, interpretar e viver a realidade, ditada por um modelo social e comportamental transcrito pelos textos, mais exatamente pelas literaturas infantil e infantojuvenil, recém-criadas justamente para os propósitos educacionais de orientar e formar os futuros cidadãos, tão necessários aos objetivos daquela sociedade.

Com o passar do tempo, a leitura se desprende do seu papel de ascensão de classes e assumiu um caráter mais amplo como espaço para a interação sociocultural. Nesse aspecto, Pereira, Souza e Kirchof (2013, p. 12) observam “que a leitura não é apenas uma atividade que nos garante acesso à cultura, mas também um intenso processo mental que amplia nossas capacidades cognitivas, simbólicas e emocionais”, pois todo texto guarda em si múltiplas possibilidades de uso e interpretação. A aprendizagem é uma dessas possibilidades, a qual nos dedicaremos neste artigo.

O último relatório *Retratos da leitura no Brasil – 2019*, do Instituto Pró-livro (2020), apontou queda de quatro pontos percentuais no número de leitores em comparação com o ano de 2015, refletindo que apenas 52% da população brasileira pode ser considerada leitora — ou seja, leram, em partes ou inteiro, pelo menos um livro nos três meses anteriores à pesquisa. O estudo indica que as principais dificuldades enfrentadas pelos entrevistados durante a leitura são: não ter paciência para ler (26%); problemas de visão ou outras limitações físicas que dificultam a leitura (20%); ler muito devagar (19%); não ter concentração suficiente para ler (13%); não compreender a maior parte do que lê (9%); não saber ler (4%); apenas 33% responderam não ter dificuldades de leitura.

Tais dados se refletem diretamente nos índices educacionais do Brasil. Em 2021, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) apontou queda no desempenho de língua portuguesa e matemática em todos os níveis de ensino (DRECHSEL, 2022), abalando a leve estabilidade alcançada nos anos anteriores. Mesmo considerando o impacto da pandemia de Covid-19 sobre a educação, os resultados de 2017 e 2019 — anos anteriores à pandemia — também se mostram, para todos os níveis de ensino, muito abaixo da nota máxima da avaliação.

Sendo assim, alunos de todos os anos da educação básica demonstram, entre outras dificuldades, problemas na capacidade de leitura e interpretação de textos (aspectos avaliados pelo SAEB). Se cruzarmos esses dados com os do relatório *Retratos da leitura no Brasil – 2019*, é possível relacionar essas dificuldades à falta de prática de leitura e escrita do povo

brasileiro. Quanto a isto, como afirma Zilberman (2012), a escola é responsável por intermediar, e tentar resolver, o *déficit* de leitura e o desinteresse da população brasileira pela literatura.

### 3.2 Desenvolvimento da escrita: o próximo passo para a produção textual

Através da fala, verbal ou gestual, nos inserimos no mundo da conversação, socializamos; formulamos nossos primeiros textos no ato da comunicação. Partindo de uma teoria conexionista de aquisição da linguagem (LIGHTBOWN; SPADA, 2006 apud GODOY; DIAS, 2014), podemos dizer que, durante esse processo, fazemos associações entre as palavras e as frases que escutamos, formulando outras frases com semelhante estrutura sintática. Importante lembrar que tal teoria pode ser aplicada em termos gerais de aprendizagem, ao encontro do que Marcuschi (2001 apud GODOY; DIAS, 2014, p. 109) expõe ao afirmar que a fala e a escrita não são formas opostas de expressão da língua, mas, ao contrário, ocorrem em um “*continuum* tipológico”, devendo “ser vistas e analisadas dentro da perspectiva do uso, não como traços intrínsecos”.

Após a aquisição da fala, o *saber ler* é a próxima etapa crucial no processo de desenvolvimento da escrita, uma vez que, como destaca Zilberman (2012, p. 19), as aprendizagens da escrita e da leitura ajudam a absorção de novas regras gramaticais, sintáticas, semânticas e morfológicas até então desconhecidas e diferentes dos usos aos quais estávamos acostumados na língua oral. Temos aí, portanto, a conexão entre leitura, escrita e produção textual, habilidades que funcionam em um sistema contínuo em prol da construção de sentidos e da comunicação.

Segundo Soares (1999, p. 3 apud GODOY; DIAS, 2014, p. 113, grifo do original), o letramento se caracteriza, assim, pelo “estado ou condição de quem *não só* sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais da leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais de interação oral”. Logo, podemos concluir que, por meio dessas “práticas sociais da leitura e escrita” e de “práticas sociais de interação oral”, o indivíduo letrado é capaz de ampliar o seu vocabulário, criando, interpretando e, principalmente, *recriando* cada frase que lhe aparece.

Para Godoy e Dias (2014, p. 115), “no ato da escrita, deve-se pensar em como o leitor fará para descobrir o que foi escrito”, de modo que o processo de elaboração de textos seria uma forma de expressar em palavras o que queremos dizer e aquilo que acreditamos que o leitor entenderá sobre o que foi escrito, pois, conforme afirmam Pereira, Souza e Kirchof

(2013, p. 39), a leitura funciona “como um processo dialógico estabelecido entre leitor e texto”, sendo que todos operam com o autor no sistema comunicacional. Tais aspectos devem ser considerados no decorrer de cada uma das etapas da produção textual, as quais, segundo Menegassi (2010 apud STEVANATO; SHIMAZAKI, 2021, p. 265), são: *planejamento*, que envolve a compreensão, pelo autor, do gênero, destinatário, tema, da finalidade e do suporte do texto; *execução*, que é o processo de escrita e desenvolvimento das ideias; *revisão*, que é o momento de reflexão e análise sobre o que foi produzido para verificar se tudo atingiu os objetivos anteriormente propostos; e *reescrita*, quando o texto é reformulado para consertar os problemas detectados na etapa anterior.

Assim, o ensino da leitura, compreensão e produção textual extrapola as barreiras da escola, revelando ter

[...] como meta primordial o desenvolvimento no aluno de habilidades que façam com que ele tenha capacidade de usar um número sempre maior de recursos da língua para *produzir efeitos de sentido de forma adequada a cada situação específica de interação humana* (SILVA, 2012, p. 148, grifos nossos).

No caso dos textos escritos, a *garantia* dessa “produção de efeitos de sentido” fica sob a responsabilidade da revisão textual. Todo o percurso traçado até aqui foi necessário para compreendermos a importância das etapas da escrita que culminam na produção e revisão textual, e como esse processo de ensino-aprendizagem é crucial para o desenvolvimento da leitura crítica, gerando compreensão, bem como escrita coerente e coesa.

### 3.3 O processo contínuo da revisão de textos

O ato de revisar um texto vai além de assegurar que normas ortográficas e gramaticais sejam seguidas e aplicadas adequadamente, pois, ao produzirmos uma mensagem escrita, não são apenas aspectos normativos que estão envolvidos nessa elaboração. Para garantirmos o sucesso de um texto, ou seja, ter a certeza de que a ideia que se visava comunicar foi transmitida com clareza para o interlocutor, precisamos considerar, ainda, aspectos semânticos, sintáticos, morfológicos e sociais — estes últimos se referem às condições de produção, circulação e ao destinatário do texto, características contextuais que devem ser analisadas durante a revisão textual.

Brandão (2007, p. 120, grifos nossos) define o ato de revisar textos como um momento de reflexão: “é pensar sobre o que foi ou *está sendo* escrito e encontrar meios para melhor dizer, reelaborando e reescrevendo o já escrito”, ou seja, a revisão não se trata de um

processo exclusivamente final da escrita de textos, mas ocorre durante e após a produção, pois, enquanto escrevemos, paramos a todo o momento para pensar, analisar e reformular nossas ideias, verificando se está tudo conforme o objetivo que temos para aquele texto. Portanto, ainda segundo a autora, a revisão se torna “uma habilidade metacognitiva complexa, que implica tornar-se consciente e pensar, deliberadamente, sobre processos e decisões tomadas durante a escrita de um texto.” (p. 121).

Piolat (1997, p. 189 apud HEURLEY, 2010, p. 125) reflete sobre as modificações feitas no decorrer do processo de revisão, avaliando que mudanças de todos os tipos podem ser feitas a qualquer momento, sempre buscando a resolução dos problemas detectados, portanto, implica: “a) [...] detectar ausências de correspondência entre os textos desejados e os textos efetivos; b) em decisões concernindo à maneira de operar as modificações planejadas; e c) no processo que realiza essas modificações”.

Para Flower e Hayes (1980 apud STEVANATO; SHIMAZAKI, 2021, p. 266), a revisão textual ocorre em duas categorias relacionadas: *processos*, “a definição da tarefa de revisar, a avaliação e a seleção de estratégias de revisão”, e *conhecimentos*, “os saberes do escritor a respeito da revisão textual”. Portanto, trata-se da forma como o revisor irá se organizar para iniciar o seu procedimento de análise e reflexão sobre o texto.

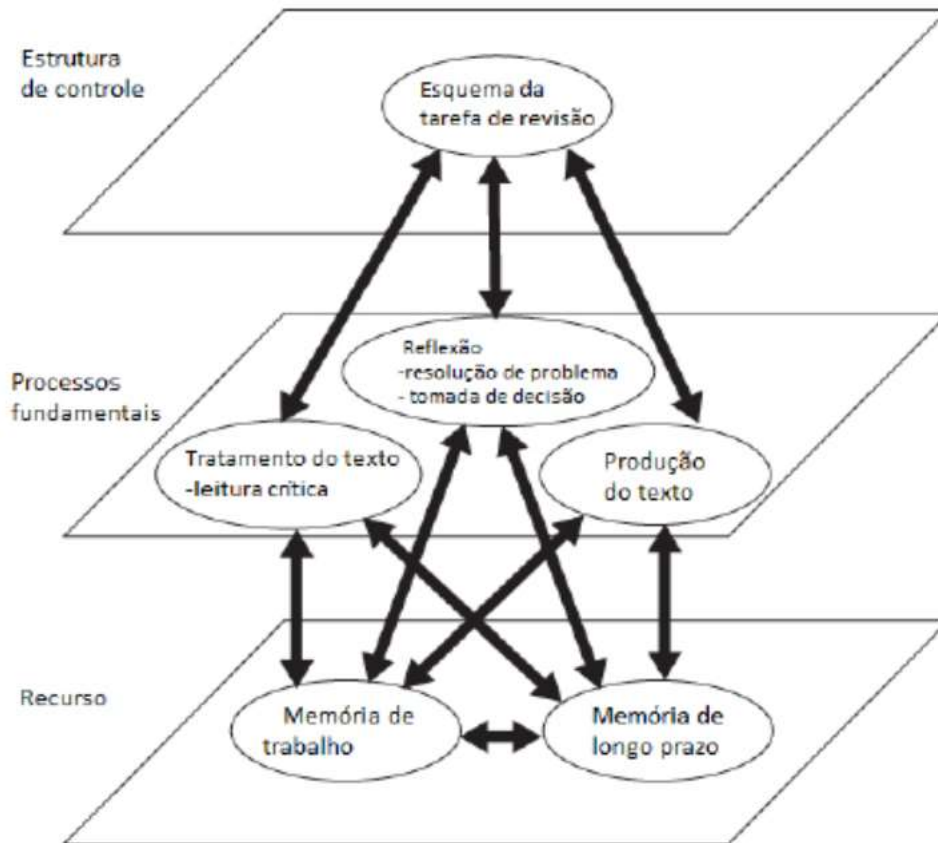
Hayes *et al.* (1987 apud MENEGASSI, 1998) completa ao indicar que o processo de revisão textual em sala de aula pode ser realizado de três maneiras: *individual*, quando o aluno revisa o seu texto baseando-se nos seus próprios conhecimentos; *colaborativa*, quando a revisão torna-se uma parceria entre autor e leitor, que pode ser um colega ou até mesmo com o professor responsável por fazer observações e sugestões orais a respeito do texto; *orientada*, quando as sugestões do professor chegam ao aluno *por escrito* — processo realizado várias vezes até o texto estar satisfatório.

Visando sistematizar esse processo, Heurley (2010, p. 128-135) apresenta, sob a perspectiva de diversos teóricos, métodos cognitivos para a revisão textual, entre os quais a representação de Hayes (1996) parece uma das mais complicadas de compreender. Contudo, é, também, a mais abrangente — por isto a abordamos aqui. Segundo o método do autor (Figura 1), a revisão é um “macroprocesso composto, e uma atividade de controle da produção escrita que mobiliza processos redacionais de base, assim como os recursos cognitivos e atencionais na memória de trabalho” (HEURLEY, 2010, p. 135); em outras palavras, trata-se de um Esquema de Tarefa (*Task Schema*), que considera inúmeras regras de produção e atividades cognitivas, muitas delas adquiridas com a experiência, que entram em ação durante o processo simultâneo de Planejamento, Escrita e Revisão do texto, aqui vistos respectivamente como



Reflexão (*Reflection*), Produção de texto (*Text Production*) e Interpretação de Texto (*Text Interpretation*), sempre visando solucionar os problemas detectados no produto escrito para alcançar a sua melhor versão, segundo os objetivos preestabelecidos.

**Figura 1:** Modelo de Revisão Textual de Hayes (1996)



**Fonte:** Hayes (1996 apud HEURLEY, 2010, p. 134 — tradução do autor).

### 3.4 A revisão textual como oportunidade de aprendizado

O exercício da revisão e a leitura de textos revisados auxiliam o desenvolvimento e o aprimoramento da escrita de crianças e adolescentes, que, considerando uma perspectiva conexionalista (LIGHTBOWN; SPADA, 2006 apud GODOY; DIAS, 2014, p. 66), acostumam-se com o que veem e repetem determinados usos e práticas da língua escrita, pois guardam na memória, ainda que de forma inconsciente, as regras ortográficas, gramaticais, sintáticas, semânticas e morfológicas necessárias para a produção de boas redações. É por meio da leitura de textos bem escritos que o aluno estabelece maior intimidade com os usos e práticas da língua e, assim, repete-os em suas próprias produções (BRANDÃO, 2007, p. 132).

Diante dessa reflexão e retomando o objetivo deste artigo — isto é, analisar como a revisão de textos influencia o processo de aprendizagem da língua escrita por crianças e

adolescentes do ensino fundamental II —, apresentamos pesquisas de autores que dialogam sobre a temática, assim como suas considerações sobre a importância da revisão textual no processo de ensino-aprendizagem.

Primeiramente, é indispensável lembrarmos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) determina que os processos de revisão, edição e reescrita de textos sejam trabalhados em todos os anos finais do ensino fundamental (6.º ao 9.º anos), principalmente em relação aos campos jornalístico-midiático e artístico-literário, com revisão focada em atender às características do gênero textual trabalhado, bem como ao contexto de produção e circulação daquele escrito. Neste ponto, há também a questão da adequação ao estilo e à linguagem adotados.

Spinillo (2010 apud SPINILLO; CORREA, 2016, p. 109) nos lembra que a produção textual compreende ações *com* a linguagem — em que a língua é tratada como um instrumento de comunicação das ideias do autor —, e ações *sobre* a linguagem, que tratam o texto como objeto de análise e reflexão para alcançar as intenções comunicativas. Para o segundo tipo de ação, a revisão textual é como um processo constante atrelado ao fazer linguístico.

Partindo desse princípio, Menegassi (1998, p. 39) ressalta que “a revisão deveria ser vista como um dos componentes principais do processo de produção do texto e o professor é responsável, com papel delimitado, pela instrução desse componente”. Sendo assim, o docente assume a função de mediador-orientador entre o aluno e sua produção textual, para guiá-lo no caminho ao encontro da melhor versão do seu escrito, não apenas em relação aos aspectos formais, mas também no que diz respeito ao conteúdo. Todavia, é importante lembrar que o professor não deve impor suas ideias do que seria o melhor e “correto” uso da língua; a orientação deve ocorrer de modo que dê espaço para o aluno refletir sobre o que produziu e pensar em melhores formas de comunicar a mensagem que deseja transmitir. Assim, aprende, por meio do exercício da leitura crítica, mais sobre a língua, os seus usos e suas práticas, além de descobrir e entender o seu próprio estilo de escrita, ativando habilidades linguísticas, cognitivas, analíticas, críticas e sociais.

Visando orientar os professores no desenvolvimento do alunado enquanto produtor de textos, Serafini (1995) divide a correção textual em três tipos: *indicativa*, quando há marcações feitas no texto do aluno para os erros, mas sem explicar o que e/ou por que está errado; *resolutiva*, quando as anotações do professor sugerem como o texto deve ser corrigido, entretanto, não esclarecem o motivo do erro; e a *classificatória*, que, embora raramente aplicada, é sugerida pela autora como a mais adequada e completa — pois neste tipo de

correção, o professor faz observações quanto aos equívocos cometidos pelo discente, indicando o local e explicando o que está errado, mas sem sugerir uma solução, dando espaço para que o aluno reflita e trabalhe sobre o seu texto.

Como se observa, todos os casos apresentados trabalham habilidades de análise, reflexão e *reescrita* — importante etapa, em que o alunado entende e aprimora as suas capacidades cognitivas relacionadas à língua escrita, mais uma vez confirmando o que fora dito: o professor deve cumprir o papel de mediador-guia entre o aluno e a sua produção textual ao longo de toda a revisão — processo que ocorre durante e depois da escrita, diversas vezes até que se alcance a satisfação com o texto.

Com base nas pesquisas de Andrade (2015), Dias (2016) e Mafra e Barros (2017), verifica-se que os discentes dos anos finais do ensino fundamental possuem boa capacidade para revisar os próprios textos — ainda que foquem no aspecto formal da produção, consertando, por conta própria, majoritariamente erros ortográficos e gramaticais após a primeira leitura crítica. Contudo, o alunado dessa fase de aprendizagem ainda se mostra muito dependente da orientação de seus professores, só se sentindo seguro para definir *o que está certo e errado*, principalmente em questões de coesão, coerência e aspectos extratextuais, depois da primeira correção do professor, quando este lhe apresenta respostas prontas (DIAS, 2016). Ainda assim, as observações feitas pelos docentes mostram-se importantes para o desenvolvimento do discente, pois, segundo Mafra e Barros (2017, p. 52), “a utilização do discurso injuntivo [...] incita a uma ação específica, não dando margem a interpretações, o que colabora para uma resposta positiva por parte do aluno”, que adota uma visão mais ampla e passa a abordar, durante a sua revisão, certos pontos, como a adequação às características do gênero, o contexto de circulação e o destinatário, culminando, após a reescrita, em um texto claramente mais satisfatório e objetivo já na sua segunda versão.

Portanto, é por meio da revisão textual, principalmente a realizada após a correção do professor, que o aluno tem a oportunidade de se desenvolver enquanto produtor de textos e protagonista da atividade comunicativa, se inserindo ativamente na sociedade a qual faz parte, já que, segundo Andrade (2015, p. 14), neste processo, ele

exerce a metacognição, ajudando-o, assim, a assumir o controle de sua aprendizagem, podendo ele mesmo verificar o seu progresso. Por meio da metacognição desenvolve-se uma conversa interior que faz com que o estudante não dependa mais tanto do professor para realizar determinada tarefa.

Assim, o jovem se apropria da sua escrita, sentindo-se confiante na produção e revisão de seu texto, pois, antes, essas habilidades foram trabalhadas em sala de aula.

#### 4 Considerações finais

No processo de ensino-aprendizagem da escrita e produção textual, a leitura possui papel crucial, uma vez que representa o elo de comunicação entre o indivíduo e a cultura letrada da sociedade, sendo um caminho para o desenvolvimento, consciente e inconsciente, das habilidades linguísticas, como a ortografia, a gramática, a semântica, a sintaxe e a morfologia. Além do seu valor formal, a leitura e a escrita ainda são relevantes para aspectos que vão além do texto, pois, como mencionado a princípio, trata-se de meios de comunicação responsáveis por construir sentidos, definir a realidade. Deste modo, todo texto é uma “atividade interlocutiva, processual, dialógica” (BESSA, 2020, p. 4) que envolve escritor e leitor na composição de significados e situações de uso.

O ato de escrever um texto envolve diversas etapas que, apesar de terem uma ordem preestabelecida, podem ser realizadas segundo o método pessoal. Quase sempre, a etapa de revisão, de suma importância para o sucesso de um texto — o que se entende pela transmissão de uma mensagem clara, direta e bem-compreendida pelo leitor —, acaba por ser erroneamente pensada e conceituada.

Quando o público, em geral, escuta a expressão “revisão textual” ou “revisão de texto”, imediatamente a associa, e restringe, a uma etapa final de correção de erros gramaticais e ortográficos, visando à adequação à linguagem formal, excluindo da prática questões como coesão e coerência textual, tão importantes e necessárias para a compreensão de qualquer mensagem que se queira transmitir. Logo, a revisão de textos e a reescrita de textos constituem o processo de toda e qualquer produção textual, sendo impossível a realização de um sem o outro.

Segundo Chesnet e Alamargot (2005, p. 499 apud HEURLEY, 2010, p. 125), “Revisar consiste em avaliar seus escritos, a todo momento da escritura, várias vezes, com o objetivo de melhorá-los, corrigindo-os eventualmente se são detectados problemas.”, que podem ser de ordem gramatical e ortográfica, sim, mas também semântica, sintática e/ou morfológica. Rocha e Silva (2010, p. 195) complementam essa definição, revelando a importância da revisão textual externa ao texto, seu “papel social”, para utilizar as palavras dos autores, responsável por considerar os sentidos de contextos múltiplos de circulação, ou seja, a “etnia, classe social, nível de letramento etc.”, daquele texto e no qual estão inseridos o produtor e o interlocutor.

Portanto, a partir do objetivo deste artigo — isto é, entender a importância da revisão textual no processo de ensino-aprendizagem da língua escrita por alunos do ensino

fundamental II —, foi possível analisar, tomando por base as pesquisas de Andrade (2015), Dias (2016) e Mafra e Barros (2017), a importância do processo de correção textual realizado pelo professor, o que inclui a leitura crítica e a reescrita de textos, para o desenvolvimento do aluno enquanto produtor e revisor de textos escritos, tornando-o apto e autoconfiante, após o devido treinamento feito em sala de aula, para detectar e corrigir as próprias inadequações em seus textos.

Isto posto, é por meio de observações orais ou escritas feitas pelo docente, bem como da prática da reescrita — crucial para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, cognitivas, analíticas, críticas e sociais — que o jovem se torna atento a certos equívocos que comete, mas estão na superfície do texto. Considerando esse cenário, o acompanhamento do professor, enquanto mediador e orientador, é de suma importância na aprendizagem e desenvolvimento da escrita de crianças e adolescentes, sendo necessário que aulas práticas de correção, revisão e reescrita sejam adotadas em todos os anos do ensino fundamental II.

## Referências

ANDRADE, Barbara Ferreira. **A revisão como ferramenta para o desenvolvimento linguístico e crítico na produção de textos**. 2015. 38 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BESSA, José Cezinaldo Rocha. Uma análise de orientações sobre revisão e reescrita de textos científicos no universo digital. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Wb6FrdGp6pPgcmq8hgFWcKD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2022.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi. A revisão textual na sala de aula: reflexões e possibilidades de ensino. *In*: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (orgs.). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 119-134. Disponível em: <http://www.serdigital.com.br/gerenciador/clientes/ceel/arquivos/15.pdf#page=120>. Acesso em: 31 out. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. 397 p.

COELHO, Beatriz. Um guia completo sobre todos os tipos de pesquisa: abordagem, natureza, objetivos e procedimentos. **Mettzer**, [s. l.], 20 set. 2019. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/tipos-de-pesquisa/>. Acesso em: 09 nov. 2022.

DIAS, Juliane Aparecida da Silva. **Revisão e reescrita do texto escrito no ensino fundamental II: uma proposta de avaliação da produção textual em uma perspectiva dialógica**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) — Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2016.

DRECHSEL, Denise. Desempenho em português e matemática cai em todas as etapas do ensino, aponta Saeb 2021. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 set. 2022. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/desempenho-em-portugues-e-matematica-cai-em-todas-as-etapas-do-ensino-aponta-saeb-2021/>. Acesso em: 11 nov. 2022.

GODOY, Elena; DIAS, Luzia Schalkoski. **Psicolinguística em foco: linguagem — aquisição e aprendizagem**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

HAYES, J. R. A New Framework for Understanding Cognition and Affect in Writing. In: LEVY, C. M.; RANSDELL, S. (eds.). **The Science of Writing: Theories, Methods, Individual Differences and Applications**. Mahwah: Erlbaum, 1996. p. 1-27.

HEURLEY, Laurent. A revisão de texto: abordagem da psicologia cognitiva. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 121 - 138, 1.º sem. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4355>. Acesso em: 31 out. 2022.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 5. ed. São Paulo, 2020. Disponível em: [https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a\\_edicao\\_Retratos\\_da\\_Leitura\\_-\\_IPL\\_dez2020-compactado.pdf](https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_-_IPL_dez2020-compactado.pdf). Acesso em: 03 nov. 2022.

MAFRA, Gabriela Martins; BARROS, Eliana Merlin Deganutti de. Revisão coletiva, correção do professor e autoavaliação: atividades mediadoras da aprendizagem da escrita. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 6, n. 1, p. 33-62, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/872>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. **Metodologia Científica**. 2. ed. Londres: Pearson, 2018.

MENEGASSI, Renilson José. **Da revisão à reescrita: operações e níveis linguísticos na construção do texto**. 1998. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Letras) — Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1998.

PEREIRA, Mara Elisa Matos; SOUZA, Luana Soares de; KIRCHOF, Edgar Roberto. **Literatura infantojuvenil**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ROCHA, Harrison da; SILVA, Carina Melo da. Da revisão de texto à revisão de texto crítica: uma nova perspectiva profissional. **Universitas Humanas**, Brasília, v. 7, n. 1/2, p. 191 - 213, jan./dez., 2010. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/universitashumanas/article/view/897>. Acesso em: 08 nov. 2022.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. São Paulo: Globo, 1995.

SILVA, Rita do Carmo Polli. **A linguística textual e a sala de aula**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

SPINILLO, Alina Galvão; CORREA, Jane. A revisão textual na perspectiva de professoras do ensino fundamental. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 62, p. 107- 123, out./dez. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/CL45SntX7hyDLK8mfwCgGv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2022.

STEVANATO, Patrícia de Araujo Abucarma; SHIMAZAKI, Elsa Midori. Produção de texto no 3º ano do ensino fundamental: revisão e reescrita no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 102, n. 260, p. 263- 282, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/N9JVDQwrZXyh9MK4N5ddnTy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.